

Breve ensaio sôbre o modernismo



Num dado momento do século XIX, chegaram os homens à conclusão de que não era na ciência, no conceito, no real, em tudo aquilo que constituía até aí as verdadeiras manifestações da vida que se encontrava o maior valor dos homens e da humanidade. As contradições que o mundo lhes oferecia, resultavam do racionalismo, da ciência, do desenvolvimento técnico. Portanto, o caminho a seguir era renegá-los, pô-los de parte, era opôr-lhes o espírito, único factor verdadeiramente eterno.

Desta maneira de encarar tais contradições, nasceram curiosos pontos de vista, quer filosóficos, quer literários. Diz G. Friedmann: — Desenha-se então pelo mundo um movimento nitidamente irracionalista: a crítica do mecanismo científico e o bergsonismo, formam, na França, os dois polos. Na América e na Inglaterra, o pragmatismo e pluralismo, na Alemanha os élan românticos e místicos em volta das «filosofias da vida», caminham também no mesmo sentido. «O período vigoroso do cientismo é definitivamente ultrapassado».

Entre nós, este movimento irracionalista foi-nos dado sobretudo pelos modernistas. Vejamos quando se começa êle a esboçar.

A geração dos fins do século XIX, bastante impregnada de influências estrangeiras, contém em si o mesmo desejo de uma humanidade melhor, que as escolas estrangeiras. Nessa altura, os escritores mais conhecidos

em Portugal, eram o romântico Victor Hugo, e o realista Zola, e, tanto num como noutro, é bem evidente a preocupação social. Antero, Eça, Ramalho, Junqueiro, O. Martins, etc., manifestam também claramente a mesma preocupação. A poesia, agüenta-se com um ar panfletário; o romance, fazendo uma análise dos nossos costumes, procura ter um certo fim social; a história, pretende já dar uma explicação dos factos.

E' indiscutível que a geração de Eça e Antero, é uma geração estruturalmente social. Não esqueçamos que essa estrutura não se evidencia só nas obras que publicaram; êles mesmos eram todos mais ou menos políticos; êles mesmos se diziam socialistas. Mas, êsse espírito político e social, êsse espírito vagamente revolucionário, que lhes incutia um grande amor ao progresso e à democracia socialista, não existiu até ao fim. As últimas obras de alguns dêles refletem, embora pouco concretamente, a onda de pessimismo que iria pairar sôbre o mundo. Junqueiro perde nos «Simples» o ar panfletário dos outros livros; Eça, na «Correspondência de Fradique Mendes» e em «A cidade e as Serras» descreve dos progressos técnicos e aponta-nos, no último, a felicidade tranqüila e primitiva do campo. Júlio Diniz tinha traduzido já essa descrença.

E' a partir de então que a arte começa a estar afastada dos problemas sociais, e que os artistas começam a procurar nos seus ins-